

[POESIA]

DEPOIS DA PAREDE DO SONO

Felipe Teodoro

[] []
[OUTRAS]
PALAVRAS

Biblioteca
Parana **B**

KAN
editora

**DEPOIS DA
PAREDE DO
SONO**

DEPOIS DA PAREDE DO SONO

Felipe Teodoro

Copyright © Felipe Teodoro

ISBN 978-65-86198-46-1

Londrina – PR

1ª Edição

Editora Kan

COORDENAÇÃO EDITORIAL

ImagemPalavra

REVISÃO

Visualitá® Gestão em Design Estratégico

DIAGRAMAÇÃO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Teodoro, Felipe

Depois da parede do sono / Felipe Teodoro. -- 1. ed. -- Londrina, PR
Editora Kan, 2025.

ISBN 978-65-86198-46-1

1. Poesia brasileira I. Título.

25-274087

CDD-B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

KAN
editora

Rua José Giraldi, 115

Londrina – PR – CEP 86038-530

Telefone (43) 3334-3299

editorakan@gmail.com

Índice

PARTE I - ZONA HADAL _____ 6

PARTE II - PARA FANTASMAS & OUTRAS
RACHADURAS NO TEMPO _____ 36

PARTE I

ZONA HADAL

Campos verdes distantes

você me diz q o tempo
é um demônio
& q forças malignas
nos assombram {a cada respirar}
impulsionando nossas
roupas
em direção à morte.

você me diz q é preciso
voltar a ser criança
pra depois poder ser qualquer coisa
: bicho-pedra-céu-estrela :
qualquer coisa
 & todas as coisas.

você me diz q essa vida
é só uma peça de teatro malfeita
de baixo orçamento
{cheia de atores ruins}
& q do lado de fora do palco
a gente não usa palavras
 : só nós mesmos sendo nós :
costura da enorme malha
um manto do caos.

você me diz
q os segredos do universo
estão escondidos no voo

do urubu q corta
o horizonte vermelho
na coragem dos defuntos
q guiam os loucos
& os apaixonados.

você me diz tudo isso
sem abrir a boca
sem olhar pra mim tudo isso & muito mais
enquanto corre livre
nesses campos verdes
q eu só alcanço com os olhos.

Vitrais

RECORTE I: *visão & enigma*
quando eu tinha nove anos a calçada
da minha rua sussurrou-me
uma palavra mágica...

RECORTE II: *pai pra filho*
você precisa pisar manso pra não acordar
a cabra de mil olhos q dorme
na borda do precipício selvagem
você precisa trancar a respiração
& pegar carona no corpo do vento.
flutue
f l u t u e
& não tema mais.

RECORTE III: *o agora é respiração*
no portal do instante Zaratustra escreve
com sangue nas paredes de pedra:
... abracadabra
a parede grita: abracadabra ...
{do anão restam apenas os ossos}

RECORTE 0: *o sonho está fora do tempo*
... o tempo
é o mais antigo
de todos os fantasmas...

RECORTE I: *visão & enigma*
— Eu só consigo dormir com livros debaixo do travesseiro.
Doutor, o que isso significa?

Poema que enxerguei num dos mantos de Arthur Bispo do Rosário

eu vim dos fundos murrado
onde lágrimas
são sangue e as cores
escorrem por metros
como o vento como o fogo como Deus
habitando os fundos murrado

eu vim dos fundos murrado
onde é sempre meia-noite
& a morte é o começo
nunca o fim só mais uma:
l i n h a r e t a
daquelas cheias de outras
linhas

& retalhos

lá dos fundos murrado

: nós vamos pros fundos murrado
me disse o pássaro-poema
na janela do sonho
pouco antes de bicar minha língua
e voar comigo
pra fora

de mim.

Qual o sabor dum sonho selvagem?

moldura: coração pulsa
na curva do corpo
cavalo rasgando o véu
da realidade.

{pra mim todo o corpo é um delírio}

afetos: sangue:
tinta da poesia.
visões & audições
nos interstícios
do tempo brotamos.

meu estômago grita
nesse solo sujo só brotam
peixes de pedra & homens surdos
que assassinam & escondem
onças dentro do armário.

meus ossos gritam
esse solo é o deserto
castigo do cão cego
q carrega doses de amor
em seus olhos murchos
vê as linhas entre nós?
vida & morte
Zênite & Nadir
há um paraíso perdido
no deslumbramento
de toda flor.

Alice

mastigar cabelos:

u m f i o d e c a d a v e z

{alimentar a besta-guardiã aquela que habita o labirinto do organismo}

não são fios de cabelo mamãe

'mas linhas q guardam

conhecimentos ocultos

sementes serpentes

profecias & rotas

pra equilibrar tempestades

& abençoar a nossa terra

não se preocupe mamãe

o corpo sabe

o que deve ser feito.

O CORPO DEVE ASSUMIR O CONTROLE

— chega! apague essa luz, Alice.

o rosto da menina

é paisagem muda pele pedra boca aberta

ponte direta pro poço pulsando

pulsando o tempo rasga

todas as luzes todas as roupas toda a carne

: o tempo rasga todas as dúvidas

... & a mãe come

os próprios dedos
depois das unhas
depois dos telefonemas
depois das ligações não atendidas

depois de todas as portas
& janelas trancadas
rangendo pesadelos
& outras desgraças

a chaleira apita no fogão
a chaleira apita dentro da sua cabeça

não se preocupe mamãe
o coelho conhece o caminho
não se preocupe mamãe
o corpo sabe
o que deve ser feito:

1. encarar a morte
2. flertar
com a eternidade
3. dançar
no fio
da navalha

: eis as instruções
não se preocupe mamãe

Nós

ainda que esteja escuro
vejo todos os detalhes
através da tua respiração
vibrando.

se você abrir a boca
mais um pouco
eu posso entrar
& acalmar teu medo
abraçar teu coração
acariciar tuas angústias.

quando a onça aparecer
você tem q olhar
dentro do olho dela
& deixar teu corpo aberto
& trocar de nome três vezes
& só parar de morder quando:
não mais sentir
o gosto salgado
do nosso sangue.

Vai, abre a boca
agora respira
& vem com calma.
: já escolheu teus nomes?

Topografia dos corpos

adormecer & mergulhar
nas penas do abutre de vidro
realizar [silenciosamente]
a topografia dos corpos
q dançam dentro
da cortina do sono

encontrar
a boca-passagem
& mergulhar
até a toca
garganta
do animal interior

no lago do sangue
infinito
morder a carcaça
de Kafka
& de quem mais
do povo menor
for necessário

não retornar até q as linhas marquem a pele dos olhos
& o Sol revele
o mais fundo
do Azul.

Pássaro exilado

um pássaro
exilado dos céus
canta doente
dentro de mim.

um pássaro
com asas atrofiadas
caminha perdido
no deserto das
carnes exaustas.

conheço todos
os sonhos do pássaro
_____ por isso
meu corpo
_____ pesa.
: por isso olhos
boca
& palavras :
d e
_____ p e
_____ n a m.

Desmundo

os mais antigos diziam
q tudo começou quando
o céu inteiro rachou e
a noite e o dia deixaram
de existir pq não havia
mais tempo apenas um
imóvel crepúsculo avermelhado
sem nuvens sem vento sem estrelas

os mais antigos diziam
q depois que o céu inteiro
rachou todos os relógios
também racharam junto
com as nossas memórias
e até mesmo as línguas
quebraram-se no corpo e nem
nossos próprios nomes podiam
ser reconhecidos pronunciados
no eterno e imóvel crepúsculo
sem nuvens sem vento
sem estrelas sem nomes

os mais antigos diziam
q aquele era o começo
do desmundo : da não-história
mas agora não há mais nenhum
velho entre nós nenhum antigo
ninguém q tenha visto um céu azul

cheio de nuvens ou um céu escuro
cheio de estrelas nem ninguém

q afirme conhecer uma paisagem
que respire uma paisagem que se move
há apenas espectros-pedra-carcaças
& trovadores mudos nesse vazio inerte
apenas buracos numa folha antiga
fora do mapa só ossos e sangue seco
só o crepúsculo avermelhado eterno
e imóvel sem nuvens sem vento
sem estrelas sem nomes
sem histórias sem tempo

Sonhar é trocar de corpo

a velha serve
duas xícaras
de chá de Artemísia
uma para ela
& outra
para o seu reflexo.

ao terminar o chá
retira todas as roupas
até mesmo as que não estão no corpo
 {as mais difíceis de se livrar}
& completamente nua
atravessa proutro lado
: o outro mundo dos mundos.

— de dentro do espelho
salta um enorme cavalo negro.

[em poucos segundos
todas as luzes da casa
se apagam]

& no limbo /do agora/
só é possível ouvir
: *o choro do animal perdido.*

Sobre cuidados com o corpo-terra

organizar as sementes
ir até o limite
ainda que os olhos
não enxerguem nada
ainda que a boca
deseje sua morte
ainda que o corpo
não aguarde os próprios
movimentos

não temer a fúria
dos carneiros
e a cumplicidade
da luz do Sol
abraçar a noite
conversar com
as formigas
de grão em grão
realizar o trabalho

buscar a lã de ouro
nos espinhos adormecidos
sonhar com as águias de Zeus
voar com elas até o topo
da montanha
e beber e banhar-se
nas silenciosas águas
do Estige

mergulhar no mundo
dos mortos e coletar
toda a graça de Perséfone
cair em sono outra vez
perceber que o sonho
é um longo fio
atravessando o cosmos

despertar e gozar
com Eros
eternamente
entre folhas
e frutos brotando
na pele
: *cantamos!*

Desistência

os mortos
não dançam mais.
cansados
apenas assistem
o desastre
dos vivos
o nascimento
inevitável
de novos
mortos.

os mortos
não querem mais.

Abutres

eu vi os abutres do último crepúsculo
feito palavras com dentes descendentes
das estrelas descendo do céu
devorando corpos de homens mulheres
& crianças que aguardavam serenos
uns ajoelhados outros deitados
todos esperando o fim dos tempos

eu vi os abutres do último crepúsculo
com suas asas pesadas fedendo sangue
com seus bicos afiados antigos
e penas negras mais negras q todas
as noites as penas brilhantes vivas
ferozes mirando na gente olhando pra gente
penas escuras fedendo sangue

eu vi os abutres do último crepúsculo
mastigando a carne os ossos a pele
os cabelos os sonhos de toda a raça humana
com suas bocas cheias e suas barrigas cheias
vi a vida escorrendo no canto dos seus
sorrisos debochados de bicho e o soluço
do engolimento tremendo seus corpos de ave
eu vi os abutres do último crepúsculo
levantarem voo com dificuldade
devido ao peso de todos os homens
mulheres e crianças devorados mastigados
vi os abutres atravessando o horizonte
com aquilo

que a gente já foi e eles rasgando o véu do céu
levando embora todo o resto da nossa esperança

: eu vi os abutres do último crepúsculo
e depois nunca mais vi coisa nenhuma não.

Ratos

todas as luzes silenciadas
homens e mulheres
ajoelhados mergulhados
no escuro amedrontador
o vento e seus fantasmas rindo
madeiras rangendo
: presságio do dilaceramento

mandem todos os convidados para o salão
ordenou o capitão
fechem as portas & as janelas
ordenou o capitão
que eles tenham piedade de nós
sussurrou o capitão
encarando a imensidão do mar
dançando frente aos seus olhos
profundos cansados

[& atrás dele a equipe de jovens marinheiros
em sua primeira grande viagem em sua primeira e última
viagem]

aos poucos os ratos foram subindo
invadindo todo o convés
todas as salas
um mar de ratos
grandes ratos negros
com grandes
caudas rosas-cinzas

grandes ratos
de olhos vermelhos
& dentes compridos

dentes pontudos
grandes ratos com suas
fomes de ratos
seus desejos de ratos
que há muito tempo esperam
que há muito tempo aguardam
grandes ratos subindo
entrando
passando
caçando
corrida
rizoma

...espalhando...
fechem todas as janelas
mandem todos os convidados
para o salão
apaguem todas as luzes
ordenou o capitão
que eles tenham piedade de nós
sussurrou o capitão

[e a equipe trancada na cabine principal rezando pra que a
fome dos ratos não seja tão grande]

no salão o banquete começa
assim que a primeira tábua levanta

e a miríade bestial brota do chão
entre gritos e risos
o mar de ratos afoga
mastiga & engole tudo
a sua frente
sem piedade

os ratos tremem o mar
os ratos dançam nas carnes

Teatro do sonho

um cavalo agoniza
perdido na areia
do teu sangue

aqui nessas veias
nenhum animal
conhece o caminho
 para casa & os arames
farpados que
envolvem nossos
poros corpos & almas
são como linhas traçando o tempo
: a organização dos astros.

não engula
 os santos
 as sombras
 os sonhos
não engula

apenas escute
o silêncio
em respeito
a todos
que a terra comeu
dentro do teu peito
de pedra & desamor

apenas escute
o silêncio
até q a morte
nos cale

até q as flores
gritem mais alto
q todos nós

Depois da parede do sono

sou um labirinto fantasma
dentro da frágil casca
costumam me chamar de Legião.
as palavras sempre
ganham força
quando alcançam a fronteira
o deserto escuro
: todo poema é um *anoitecimento*.
eu vi nosso corpo atravessado
& as vísceras da flor
& o fogo da ferida

querida: o beijo
é a *ruína do sentido*.

s i n t a o s f u r o s n o t e t o d a l í n g u a
nunca foi fácil traduzir
o canto das estrelas
do céu da tua boca
é como ferrugem que corrói os corredores
é carne-canto.

deitado na teia do sonho
atrás da força da semente
que a terra abraça avanço
escrevendo a habitação
que invade paredes riem
inferno azul ruas escarlates
tiros no escuro escuto...

engulo outro poema
um rasgo no eu
as coisas não param de girar
isso aqui é uma dança selvagem.

A mulher & o temporal

a mulher não teme o temporal
ela tranca as portas fecha as janelas
puxa as cortinas entra no quarto
e senta no chão bem ao lado da cama
encostada na parede gelada
com a cabeça entre as pernas
mas a mulher não teme o temporal

fica ali no quarto escuro pra não ver
os relâmpagos dançando
& mete nas orelhas tampões de cera
pra não ouvir a canção dos trovões
fecha os olhos reza pralgum deus
com a esperança de que ainda exista
deus ou alguma força zelando por ela
mas a mulher não teme o temporal

o corpo borbulha animal selvagem
que habita seu âmago uiva faminto
junto do barulho lá fora q aumenta
& chacoalha toda a casa todo corpo
aquela intensidade irracional caótica
q sobe até a garganta feito serpente
e lhe causa ânsia porque quer sair
mas a mulher não teme o temporal

uma parte sua queria chover
desmanchar todas as nuvens

pesadas aprisionadas no peito
mas outra parte sabe que ela

não resistiria que a tempestade
destruiria tudo e todos e não sobraria nada

por isso ela róí as unhas
por isso ela encara o relógio
por isso ela tenta pensar nos filhos
no quanto os filhos ainda são
pequenos e precisam dela

por isso ela ignora o deboche da lâmina
e grita pra que tudo aquilo acabe
pra que a vida seja só mais um pesadelo
por isso ela morde os lábios e
sente na boca o gosto amargo da realidade
mas a mulher não teme o temporal
: ela o ama com todas as suas forças.

Arrebentar a pele

arrebentar a pele
uns dizem {ela vendeu a alma}
: outros sussurram
no escuro -
ao redor da mesa
_____ o problema
é a memória das árvores
_____ “elas lembram pra sempre”

arrebentar o corpo
aceitar q o desejo habita
a fronteira
entre a flor & a faca.

pulsar na terra
comunhão dos vermes
afogando o labirinto
para q assim:
cantem todas as nossas sementes
& a poeira continue guiando
sonhos desejos & outros demônios.

Aquário negro

a colisão das montanhas
começa aqui dentro
numa fenda entre
o peito & o poema
aqui - atrás do arame
farpado de memórias
que envolve o coração.

quando as pedras explodem
palavra nenhuma é soberana
reina então uma poeira salgada
que cega os olhos
tempera a carne
 & amarga a boca.

se ossos pudessem ser expostos
durante o acontecimento
: nos ouviríamos
a música das estrelas
a dança da matéria escura
o ranger do cosmos

& ninguém mais
p e r m a n e c e r i a
o mesmo
porque depois não existiria mais
t e m p o
só ecos eternos
de um conflito insignificante
 {um silêncio ensurdecador dum não-lugar}

PARTE II

PARA FANTASMAS & OUTRAS RACHADURAS NO TEMPO

Júlio

depois q o júlio morreu
todos passaram a olhar para as mãos
antes de dormir & procurar por movimentos
involuntários encarando os dedos & todas
as linhas da vida

depois q o júlio morreu
alguns até pediam prum familiar
amarra por favor
_____ meus pulsos antes d'eu dormir
amarra por favor : amarra.

depois q o júlio morreu
todos os espelhos foram cobertos
com panos pretos e as pessoas tomavam
cuidado para não encarar seus próprios
reflexos & as crianças até reclamavam
mãe é difícil lavar o rosto
sem a gente ver a gente
e as mães sérias diziam
eu não quero perder você meu filho

depois q o júlio morreu
todo mundo ficou com aquela sensação
de engolimento vindo dum lugar escuro
do âmago tipo coração na boca
do estômago como se alguma coisa
estivesse mastigando devagar
um pedacinho do corpo da gente

depois q o júlio morreu
todo mundo se reunia após a janta
e dava as mãos & ficava quietinho
só pra ver se ouvia o barulho
da morte no vento nas folhas
nas paredes das casas

depois q o júlio morreu
as crianças sempre dormem
com seus pais e todos juntos
à luz de velas debaixo das
cobertas
nós contamos antes de sonhar
com o cadáver de júlio
o número de abismos
rindo da gente entre cada
curva dos ossos
& da carne

Tomates

minha mãe colhendo tomates
lavando tomates
cortando tomates pro jantar
minha mãe cuidando da terra
tomando conta da gente.

meu pai morto num tempo distante
meu pai matado num tempo de antes
morto como muitos outros
mais um entre tantos cadáveres
sumido não mais meu pai.

minha mãe cansada de chorar
foi colher tomates e aí descobriu
onde tava meu pai sumido morto
e disse aqui meu filho debaixo
dessa terra misturado com as pedras
& as raízes tá teu pai aqui bem aqui.

ela regou meu pai & amou meu pai
como antes nunca havia amado
& meu pai crescendo brotando
ganhando forma meu pai verde
depois vermelho & a mãe dizendo
sorrindo aqui meu filho tudo isso
é teu pai olha q lindo o teu pai.
minha mãe colhendo tomates
lavando tomates
cortando tomates pro jantar

minha mãe cuidando da terra
tomando conta da gente.

& nós na mesa jantando
arroz feijão ovo & tomate
& o pai pulsando
na gente nas bocas & corpos

meu pai pulsando vermelho
em todo o lugar.

Olhos

ele dizia arranquem meus olhos
assim q eu morrer
& entreguem ao primeiro
vira-lata esfomeado
q encontrarem na rua
façam isso
meus filhos
ele dizia

& assim q morreu
eu olhei pro meu irmão
me espiando do canto
cê vai realizar
o desejo do nosso pai?
perguntou ele
ainda chorando
e eu respondi q sim
eu faço

o pai naquela cama
tão pequeno
[ou era a cama grande demais?]
era a cama & os lençóis sujos
o cheiro da doença
era tudo isso grande demais
e eu e meu pai pequenos
e eu e o corpo do meu pai
e o meu irmão minúsculos

não saiu tanto sangue
quase nem sujou a faca
meu irmão tremia ao meu lado
segurando o pano
onde seriam colocados
os olhos do meu pai

{primeiro retirei o esquerdo
foi preciso puxar para fora
e depois passar a lâmina
fechei os olhos
pra não ver
os olhos

depois o direito
q demorou mais pra sair
q parecia grudado no corpo
q parecia lutar comigo
pra ficar no corpo
& o meu irmão chorando
tremendo ao meu lado
com um olho do meu pai
enrolado num pano
com um pedaço do
nosso pai nas mãos}
terminada a tarefa
beije o rosto do pai

cobri o rosto dele
abraçei meu irmão

jovem demais pra
aceitar tudo aquilo

jovem demais pra
acreditar naquilo e
ouvi da sua boca um
: eu não consigo

eu não consigo
ele disse entregando
os olhos do nosso pai
e eu digo descansa
e eu digo deixa comigo
e eu digo vai ficar tudo bem
e saio carregando o pano
saio carregando os olhos
e vou pra rua procurar um vira-lata
e no caminho lembro
do meu irmão chorando
lembro do rosto ainda menino
lembro dos olhos inocentes
castanho-escuros
: iguais do nosso pai.

{meus Deus quando eu morrer quero q arranquem meus olhos}

Rasgando a muralha

1

minha avó conta
q seu pai morreu
murmurando
palavras desconhecidas
como se falasse
numa língua estranha
sua expressão segundos
antes de atravessar
era a de total
: desespero.

2

quando eu tinha treze anos
assisti à morte de um tio
lembro dele na cama
se esforçando pra falar
movendo olhos
pra todos os lados
os dedos tremendo
os lábios tremendo
a única coisa
q saía de sua boca
era um ruído
: cavernoso.

3

ontem na sala de espera
do consultório

observei na parede
uma pequena peça de gesso
cristo crucificado
a face de Jesus
me chamou atenção
por ser diferente
de todas as q já tinha visto:
olhos revirados
boca meia aberta
parte da língua pra fora
revelada no céu escuro
lembrei naquele momento
do gato morto q vi
numa calçada do centro
durante o trajeto
até o psiquiatra
o gato atropelado & cristo
tinham a mesma expressão
ambos carregavam no rosto
algo incompleto
um q de espanto
ou trava de sentido
o gato morto & Cristo
eram meu bisavó
eram meu tio
& todos os demais
antepassados
eram todos
q viram a morte
antes da morte
do corpo.

4

a noite não cabe nos meus olhos
e sem sono tento escrever
um poema sobre o silêncio
sobre o não-dito
um poema sobre aquilo
q a morte revela
volto pra cama frustrado
[outra vez outra! vez outra vez?]

5

escrever poesia
é tentar não morrer
engasgado
com as palavras
escrever poesia
é lutar
para morrer
em silêncio?
escrever poesia
é morrer
mais um pouco
sorrindo

[outra vez outra?]

Fim dos tempos

já não sobrara quase nada
{muito pouco}
roemos os ossos
pra sustentar nossos ossos
buscamos debaixo das unhas sujas
resquícios da última refeição
feita num lugar distante
quando o tempo ainda
era tempo e os dias
e as noites corriam
livres feito cavalos

já não sobrara quase nada
{muito pouco}
só a solidão da fome
& a solidão das ruas
só o sangue seco
& as folhas secas
só a madeira queimada
& a pele queimada
só a sede & a respiração lenta

[deserto de impossibilidades
paisagem agonizada
sem vida sem gente sem história]
quase nada {muito pouco}
é só o que sobrara
tamanho é nossa fome
que lambemos as feridas abertas

& sugamos com força
o pus que escorre
dos seios secos
da terra infértil desalmada
tamanha é nossa sede
que já não choramos:
as lágrimas todas
transformaram-se
em pedra [pouco antes
do último desejo]

já não sobrara quase nada
{muito pouco}

& agora a vida
é apenas mais uma decepção

Louca

não ousávamos
chamar a mamãe de louca
nem depois da morte do pai
quando ela foi até o cemitério
& voltou com os ossos do falecido
& ainda com as mãos cheias de terra
deixou a sacola plástica
em cima da mesa e nos disse
olhando profundo:
hoje vocês vão almoçar
com o pai de vocês

não ousávamos
chamar a mamãe de louca
nem quando ela trocou
todos os espelhos da casa
por grandes plantas verdes
em terra preta em vasos pretos
& gritou: quem quiser olhar pra si
q encare o verde profundo
das folhas

não ousávamos
chamar a mamãe de louca
nem quando ela jogou fora
a televisão e o rádio
& comentou q fazia aquilo
pra nos proteger
ou quando proibiu todos nós

de comermos fora de casa
pq a comida q eles vendem lá fora
é tão perigosa quanto o rádio
& essa merda de televisão

não ousávamos
chamar a mamãe de louca
nem mesmo quando ela revelou
que o João de Barro que vivia
numa araucária antiga
nos fundos da nossa casa
era nosso bisavô Jorge
nem quando ela sentava na janela
& assistia aos demais pássaros
voando livres e cantarolava baixinho:
há tempo para todo homem
ser pássaro há sempre o tempo
do pássaro o tempo...

não ousávamos
chamar a mamãe de louca
talvez pq de alguma forma
bem lá no fundo
todos soubéssemos
que ela era entre nós
a mais sã.

44 Chicotadas

na hora do intervalo operários compartilham no Whatsapp
o vídeo de um negro sendo chicoteado.
tá apanhando pq roubou do patrão diz um deles
e outro completa tem q descê o cacete mesmo
na mesma mesa um rapaz inquieto perde o apetite & levanta
dizendo
você são doentes não deviam tá compartilhando essa merda
depois vai pro banheiro com vontade de vomitar
pensando que por alguns ovos
o homem havia levado
quarenta e quatro chicotadas

*[os peões contaram quarenta e quatro chicotadas contaram
em coro quarenta e quatro chicotadas pra alimentar a família]*

a pele arde
a pele sangra
mas o olhar & o choro de fome
dum filho doem mil vezes mais
pensa o rapaz que ainda
não tem filho
& que nunca passou fome
mas viver nesse mundo filho da puta
ter que ver essas merdas também dói
só que ficar mal pela dor do outro
não dói mais que
quarenta

e quatro

chicotadas

nas costas

ainda que a pele arda ainda que eu não durma ainda que eu chore e tenha pesadelos ainda que eu ache que o mundo tá perdido q tá tudo fudido q a gente já morreu e esse aqui é o inferno ainda q não exista mais deus justiça & esperança ainda q só reste o horror

& o horror do horror

ainda que centenas

de poemas sejam escritos

essa dor não dói

como

as quarenta

e quatro

chicotadas

nas costas do trabalhador

que pegou alguns ovos

pra alimentar os filhos

*[quarenta e quatro chicotadas contaram em coro os operários
quarenta e quatro chicotadas]*

Não escreverei mais poemas

não escreverei mais poemas
nunca escrevi poemas

achei que assim esgotaria minhas dores
quanto mais fundo mais escuro
{mãe, eu carrego comigo todos os medos do mundo.}

eu poderia acertar
esse ponto quente
q concentra
todas as suas dores
feito flecha rasgar
as ruas que guiam
ao escuro do coração
: mas hoje
não tenho forças.

acordei de novo
sem aquela vontade
de descobrir o pq
do verde das folhas
ou o cheiro das pedras
após a tempestade
ou pq os cães aqui da rua
não latem mais
: quanto custa uma tarde de troca de olhares com as
nuvens?

se existe um Deus

olhando por nós
pq ainda estamos aqui?
depois de tudo
corroído destruído
sem pedaço falsos
amores amordaçados
sonhos embolorados
gente sem pão
nem aquele q o diabo
amassou e assou...

não deveriam permanecer
apenas aqueles que vivem sem separar?
aqueles que não sabem
os dias da semana
& acreditam que o sol
é uma flor enorme
capaz de realizar qualquer desejo?

hoje eu não tenho forças
& até mesmo os poemas
q antes brotavam feito erva daninha
na minha boca agora estão entalados
entupindo o cano e o meu corpo
transbordando cheio de louças
sujas desejos e medos misturados
lágrimas antigas paradas na pia
do meu peito e a palavra não perfura
& a palavra não penetra não atravessa
a palavra afoga
: toda palavra afoga.

versos se acumulam
contra mim
botando ovos
plantando
a futura doença
feito um bloqueio
que será a causa
da minha última morte
e a semente daquilo
q um dia olhos & bocas
q nunca experimentei
chamarão de POEMA.

Um amigo me diz

para Ramon Mendes

um amigo me diz
q o poema precisa
criar imagens
dar voz ao corpo
& ao silêncio

um amigo me diz
mano eu acho q poesia
é o nada tomando forma
o invisível rasgando o olho
o movimento de respiração
das plantas & das pedras

um amigo me diz
& eu penso naquele poema
sobre a chuva de cavalos
e naquele das mulheres
canibais q li muitos anos atrás

penso também no risco do poema
no atentado do poema
no perigo da poesia q não delira
um amigo me diz
a poesia não nos deixa sozinhos
escreva um poema sobre isso mano
faça uma lista das primeiras imagens
q vierem a tua mente:

1. o poema é um abraço no fim do mundo

2. o poema é uma dança no fio da navalha
3. o poema é minha gata & seus olhos profundos
4. o poema é uma ponte pra ponta de tudo
5. o poema é um beijo com a boca cheia de terra.

Poema ao pai

molho de chaves
relógio parado
carteira de cigarros
é isso q tava com seu pai

& eu q não via o velho
há mais de seis anos
lembro do relógio sem pilha
que não marcava o tempo
mas q sempre enfeitava
o braço negro magro

relógio q dava aquela ilusão
de vida organizada dentro dum ritmo
mesmo tudo sendo bagunça
desordem das desordens
o relógio: prenúncio
[agora o tempo não avança mesmo]

& lembro do pai fumando
na janela na porta
nunca dentro de casa
o pai com um cigarro
atrás da orelha
o pai olhando a paisagem
como se olhasse
o mais puro nada

nenhum cigarro agora
não mais seria fumado

não pela boca do meu pai
ali não mais nenhum cigarro

olho outra vez pro corpo miúdo
afundado na cama
meu pai uma casca seca
meu pai uma bituca de cigarro

ele havia fumado tudo
a vida o havia fumado todo
não mais meu pai
apenas cheiro de fumaça
impregnado nas roupas
impregnado nas coisas

é melhor o senhor trazer
outra roupa pra ele
diz a enfermeira
vai e pega a roupa favorita
ninguém merece ir pro caixão assim
largado desse jeito

& eu concordo com a cabeça
dobro o corredor depois
aperto as chaves
com toda a minha força
enquanto tento lembrar
o caminho de casa
enquanto caminho choro

meu Deus
a memória dói
feito traição.

Sempre existirão flores

apague as luzes
& deixe que os lábios
construam pontes pra
ligar nossos vazios.

um velho amigo
q lia o mundo no solo bruto
um dia me disse:
todo gesto do corpo
é criação & devastamento
nossos dedos podem
derrubar navios
criar novos caminhos

na tentativa de traduzir
o seu sorriso
preferi usar a palavra:
ESTRELA
& marquei lá no céu escuro
do meu peito
um ponto de referência.

agora as ruas parecem
mais calmas
& até consigo prestar
atenção na respiração
do vento.

o norte dos nossos corpos
é puro delírio

*feito sonho de pássaro
desejo de pedra
olho de poeta.*

no silêncio dos órgãos
me escrevo em poema
: uma orquídea,
na boca do teu estômago.

P U L S A M O S

querida, deixa eu te contar
enquanto ainda estamos aqui

: o amor é a tatuagem dum nome
que a vida faz na gente
do lado de dentro da carne.

Acumulando

ando acumulando
coisas quebradas - demais
como se a vida
assim estivesse.

computador cheio
de memórias inacessíveis
com bateria fraca
& artigos contos não finalizados.

celular com tela trincada
fotos perdidas
poemas perdidos & vídeos do dia
em q visitei a grande
ilha na companhia de
minha falecida avó &
vídeos
daquele dia em que bebemos
todos juntos e um amigo disse:
a vida vale a pena.

armário com porta
torta rangendo
sozinha
quase ruindo
totem esquecido pela fé
escorregando
a qualquer

momento minhas roupas
espalhadas no chão

minhas identidades escorrendo
no azulejo vazio baratas
correndo pra baixo da cama
com medo dos monstros.

TV q comprei num grupo
desses de venda do Facebook
& agora só pega a Rede
Globo
com um volume q já não aumenta
e faz menos barulho
q as paredes dessa casa
o apresentador gordo sussurrando
os repórteres sussurrando
todos eles falando baixo
e a TV doente
tossindo sangrando.

corpo com etiqueta
rasgada
boca com lábios
gastos secos
olhos perdidos só enxergando
em preto & branco
coração com prazo
de validade vencido.
corpo querendo ter mais tempo

q o próprio tempo
: eu sou um relógio atrasado?

ando acumulando
coisas quebradas - demais
como se a vida
assim estivesse.

: mas aqui no poema
é tudo questão
de perspectiva.

Versinhos pra poetas de zoológico

se os cacos de vidro
fossem todos mastigados
sem a preocupação
do corte & do sangue
azedo
no poema escorrendo

não haveria
versos tão ridículos
carentes de coragem
ou loucura.

não erguerei casa nenhuma.

no meu poema
paredes não existem.

: sem abrigo

! nunca a poesia como abrigo !

pq a palavra abrigo aprisiona
assim como as rimas planejadas
& escritas para arrancar suspiros
de leitores que dizem

“BRAVO BELO”

assim como a serpente

presa na caixa do teu corpo
agonizando com
fome de delírio.

eu quero
a libertação das espécies & os sonhos coloridos selvagens
das crianças

eu quero
a queima das roupas & o brilho das tatuagens.

eu quero
que se foda toda poesia
engessada.

SINOPSE

"Depois da Parede do Sono" traz uma poética marcada pelo incômodo e pelo inconformismo. Diante de um mundo cada vez mais destituído de sentido e esvaziado em suas pulsões de vida, os poemas apontam para a potência da fúria.

O AUTOR

Felipe Teodoro nasceu em Ponta Grossa (PR). Autor de prosa e poesia, é professor na rede pública estadual e doutorando em Estudos da Linguagem (UEPG). Edita o selo "Olaria Cartonera". "Depois da Parede do Sono" é seu sexto livro de poemas.

[POESIA]

ISBN: 978-65-86198-46-1

